

# ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DA PRESENÇA GALEGA NA CIDADE DE SALVADOR

Paulo Roberto Baqueiro Brandão<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa as formas de articulação espacial da comunidade galega de Salvador de 1853, quando da deliberação espanhola autorizando a emigração de seus cidadãos, a 2000, ano da inauguração, na orla soteropolitana, de um marco da presença do grupo: o Cruzeiro Galego. Sendo uma contribuição à Geografia Histórica, utilizou-se uma periodização que expressa os ritmos e estratégias de ocupação dos espaços intra-urbanos de Salvador. Busca refletir a respeito dos meios pelos quais os membros da comunidade galega de Salvador produziram espacialidades e temporalidades que se mostram em consonância com os ritmos universais da existência humana, mas que, por vezes, só são entendidos na realidade peculiar desses imigrantes.

**Palavras-chave:** Espacialidades; Temporalidades; Cidade do Salvador; Comunidade Galega.

## Introdução

A cidade do Salvador tem como uma de suas mais proeminentes características o fato de ser um local de múltiplas referências socioculturais que se expressam de maneira muito intensa através das formas de produção e apropriação dos seus espaços, pela atuação dos vários agentes que desempenharam e/ou desempenham importante papel na configuração socioespacial da cidade.

No seio da sociedade civil, vários foram os agentes que deram forma à cidade do Salvador, cada qual criando e alterando os espaços segundo uma lógica particular; concomitantemente, dava-se a sua apropriação. Como resultado da presença portuguesa no atual Centro Histórico, aponta-se o patrimônio arquitetônico. Para além dos primeiros colonizadores, Salvador, por ser multicultural, tem abrigado outros grupos com poder de interferência sobre os seus espaços intra-urbanos. Os imigrantes galegos são um desses, apesar de estabelecidos na cidade em período posterior e do menor número, se comparados a portugueses e africanos.

“A cidade”, afirma PARK (1970), “é o habitat natural do homem civilizado. Por essa razão, ela é uma área cultural caracterizada pelo seu próprio tipo cultural peculiar”. Entende-se, pois, que a cidade é um conjunto de espaços fragmentados com características próprias, balizados na prática socioespacial de cada segmento da sociedade que os ocupa. Isto permite considerar que a comunidade galega é um elemento cultural

incorporado ao cotidiano soteropolitano e, assim como os demais, mantém relações e práticas sociais. Isto posto, torna-se pertinente afirmar que, a partir da perspectiva da Geografia Histórica, dá-se a existência de uma articulação voltada a moldar uma dimensão espacial do grupo, produzida na forma de territorialidade ou mesmo com o investimento em construção de objetos que, agregados à paisagem urbana, denotam a presença da galeguidade em Salvador.

Este trabalho visa promover a análise do papel desempenhado pela comunidade de imigrantes galegos de Salvador, como agentes de transformações espaciais nos espaços intra-urbanos da cidade, no transcorrer dos anos de 1853, data da assinatura do decreto real espanhol que tornou legal a emigração naquele país, cerca de 30 anos antes do registro de entrada dos primeiros galegos em Salvador, e 2000, com a inauguração do monumento Cruzeiro Galego, na orla da cidade, em homenagem à presença do grupo na capital baiana.

A delimitação espacial deste trabalho compreende, prioritariamente, um problema de escala e de descontinuidade geográfica, justificada pela necessidade de entendimento das realidades distintas e dos fatores de convergência que produziram dinâmica populacional na região da Galícia, bem como na cidade receptora, Salvador da Bahia. Assim, embora seja este um trabalho vinculado aos princípios da Geografia Urbana, tornou-se imperiosa uma análise do contexto socioespacial da Galícia, no intuito de melhor compreensão do processo migratório.

---

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável - Universidade Federal da Bahia. e-mail: paulobaq@ufba.br

## Espaço e tempo na produção da cidade

“O mundo é o que fazemos dele”. Esta frase é um convite à reflexão sobre as possibilidades de um indivíduo (ou grupo) dar sentido à própria história de vida, considerando-se o modo como produz(em) espacialidades.

“Fazer o mundo” implica, pois, na utilização do tempo do indivíduo ou grupo na construção do projeto de moldar o espaço, produzindo referências do seu mundo. Implica, de igual maneira, o meio pelo qual se vislumbram e são viabilizadas as possibilidades de atribuir significado às coisas do mundo sobre a superfície, ante a perspectiva da construção de objetos, símbolos e percepções, ao longo do tempo. A comunidade de imigrantes galegos de Salvador, na tentativa de tornar a capital baiana parte do seu mundo, permite se transformar em exemplo e concretização do sentido que a frase carrega.

Segundo HARVEY apud CORRÊA (1997), a cidade pode ser considerada uma expressão concreta de processos sociais construídos sobre o espaço, refletindo, por extensão, as características da sociedade. Tomando-se por base que objetos e símbolos podem ser incorporados à realidade local pela apreensão e apropriação dos fragmentos da cidade no decorrer dos tempos e das relações cotidianas, ressalta-se que a extensão e diferentes formas de usos ligadas aos mecanismos de produção e consumo da cidade moderna provocaram a inviabilidade de expressão de um grupo sobre todos os espaços que a compõem.

Ao analisar os tempos e os modos como distintos grupos urbanos, em sintonia com os seus próprios interesses e necessidades, se lançam na tarefa de produzir, do ponto de vista social, o espaço da cidade onde vivem e estabelecem relações as mais variadas, cabe observar que as noções de espaço e tempo se imbricam de modo seminal. Do que resulta o necessário estabelecimento de métodos que permitam um delineamento convergente para ambas as categorias de análise, na tentativa de alcançar a difícil situação de, como afirma SANTOS (1994), “utilizar, no domínio da análise espacial, do extraordinário aporte epistemológico de Einstein, para quem o espaço e o tempo se equivalem sendo não apenas simultâneos”.

No entanto, a análise do espaço e do tempo – abarcados como realidades puras e imaculadas, desarticuladas das relações e das conseqüentes formas de apropriação que os diversos grupos lhes impõem – não diz absolutamente nada ao campo da existência humana. Na busca do mais adequado encaminhamento da questão, pode-se inferir às categorias tempo e espaço um exame dos meios pelos quais o primeiro se materializa no segundo (RIBEIRO, 1988), transformando-o em produto social.

O entendimento dos fenômenos espaciais, todavia, não deve prescindir de uma análise das formas pelas quais o tempo foi empregado na empreitada, permitindo uma configuração que se apresente em forma de marcas na superfície. Para tanto, a chamada Geografia Histórica abre um leque de possibilidades ao exame do espaço geográfico cujas bases se situam no conhecimento do passado, das transformações e permanências que levem à compreensão do hoje e que autorizem estímulos aos dias vindouros.

A análise proposta impõe uma discussão subjacente, não menos importante que as demais, do espaço e do tempo como produtos sociais, construídos ao longo do fazer histórico de um dado grupo, que por vezes tanto se mantém em consonância com os grandes eventos de ordem global quanto contradiz ou reelabora a tendência dominante, impondo ritmos próprios.

Ao destacar a importância da periodização histórica para a compreensão dos processos de produção do espaço, SANTOS (1997) considera que a existência de um campo de forças na relação espaço-tempo deve levar em conta que cada momento histórico desenvolve-se dentro de um tempo e espaço específicos e cada espaço tem seu tempo. A consideração advém da afirmação ambivalente do tempo histórico, das sucessões e dos grandes eventos transcorridos horizontalmente, do tempo das coexistências dos fenômenos em diferentes condições e em ritmos verticalmente desiguais (SAQUET, 2003).

A análise do contexto socioespacial da região emissora e da cidade receptora, nos períodos relacionados a esse fluxo migratório, entre meados do século XIX e por todo o século XX, impõe-se como meio para a formação de um escopo de conhecimentos fundamentais à compreensão da questão acima colocada que, em um contexto mais amplo, será relevante para o entendimento da conformação espacial da comunidade de imigrantes galegos estabelecidos na capital baiana.

Ao estudar a cidade e as suas múltiplas transformações espaciais, é imprescindível, no exame de longa duração, estabelecer uma periodização que contemple uma análise dos eventos significativos nos períodos abordados e daqueles agentes que tiveram papel de destaque nas modificações do espaço urbano (VASCONCELOS, 1999).

O enfoque impõe dificuldades consideráveis, na medida em que ao geógrafo compete inferir, ao viés histórico da análise da cidade, o caráter geográfico que diferencia o seu trabalho daquele desempenhado por historiadores urbanos.

Estabelecer e lançar mão de uma periodização como recurso analítico que permita descortinar o “mistério ainda maior”

(MITCHELL apud PHILO, 1996) do estudo da cidade pela longa duração faz-se imperioso, não só em virtude da premente necessidade de, a exemplo da Física, conceber espaço e tempo como categorias equivalentes da existência humana e que, por conseguinte, atuam de modo sincrônico, inclusive no sentido de revelar, através da história da cidade, a produção do urbano que, segundo SANTOS (1997), “ela [a cidade] incorpora ou deixa de incorporar”.

Não sendo este um estudo puro e simples da evolução temporal dos espaços em exame, ou mesmo da sucessão de eventos históricos, cabe aqui estabelecer uma periodização que remeta a situações conjunturais significativas do ponto de vista socioespacial, seja para a Galícia, seja para a cidade de Salvador.

Salvador e Galícia são dois espaços incontestavelmente distintos, a começar pela observação da escala de análise de ambos – cidade e região, respectivamente – e por processos históricos específicos de produção do espaço, o que vem dificultar, mas não impedir, a tarefa de compor a análise a que se propõe este trabalho.

Devido a essa especificidade, é necessário estabelecer uma periodização ambivalente que leve ao entendimento das condições que tornaram a Galícia uma região de emigração e que fizeram da cidade de Salvador uma área receptora dessa população em movimento. Ao buscar compreender os processos causais desse fluxo de pessoas e suas conseqüências na configuração espacial de Salvador, detectou-se a importância de se compreender eventos e a atuação de agentes – sejam eles internacionais ou nacionais – que produziram rebatimento no contexto socioespacial regional, para a Galícia, e local, no caso soteropolitano, já que, segundo SANTOS (2002b), ao utilizar a periodização em estudos geográficos, “temos de levar em conta, direta ou indiretamente, o papel da acumulação do capital à escala mundial e suas repercussões nas diversas escalas geográficas: a do país, a da região e das sub-regiões, a das cidades e dos lugares”.

Seguindo tal propósito, e considerando as contribuições feitas por geógrafos e não geógrafos que se debruçaram no exame da cidade por longa duração, esta pesquisa calca-se na proposta metodológica elaborada por VASCONCELOS (1999) e posta em prática na sua obra *Salvador. Transformações e permanências: 1549 - 1999* (2002). Suas análises, que se nutrem de fontes primárias e secundárias, além de documentação cartográfica, principiam no reconhecimento da existência de diferentes temporalidades que se estabelecem em função de relações entre processos históricos em escala internacional e/ou

nacional e especificidades locais, permitindo a formação de uma sociedade que produz um espaço com características particulares e por que não dizer, únicas.

Eleito referido princípio, foram estabelecidos três períodos: *o pioneirismo galego e a espacialidade territorial incompleta*, entre os anos de 1853 (assinatura do decreto real espanhol, tornando legal a emigração) e 1900 (oficialização dos primeiros estabelecimentos comerciais de proprietários galegos em Salvador), *a consolidação da imigração galega e as espacialidades difusas*, perfazendo os anos de 1900 a 1945 (final da Segunda Guerra Mundial) e *a inclusão social plena, as espacialidades individuais e as marcas recentes da presença galega em Salvador*, cobrindo os anos de 1945 a 2000 (inauguração do Cruzeiro Galego pela prefeitura soteropolitana).

### **O pioneirismo galego e a espacialidade territorial incompleta (1853-1900)**

O exame do período no qual o fenômeno migratório galego teve início é feito a partir da análise das pré-condições que viabilizaram o estabelecimento do fluxo migratório entre a Galícia e Salvador. Considera-se que alguns eventos, nas mais diversas escalas de magnitude, foram fundamentais à configuração delineada pelos galegos aportados na capital baiana, entre os quais cita-se a Revolução Industrial. A entrada da nova dinâmica de produção, apesar de ter antecedido o período aqui delimitado e dos resultados dessemelhantes nas realidades socioeconômicas espanhola e brasileira, produziu reflexos nos processos migratórios, notadamente na Europa. Entre as mudanças, contam-se, por um lado, alguns avanços tecnológicos decorrentes do emprego de máquinas na produção, como o advento da navegação a vapor, que facilitaram as migrações transoceânicas; por outro, a América ter se tornado, via Divisão Internacional do Trabalho, o *locus* de oportunidades para populações marginais do sistema capitalista.

No que concerne à Lei nº 581, promulgada no ano de 1850, que determinou a suspensão do tráfico de escravos africanos através do Atlântico, tal deliberação gerou consideráveis efeitos imediatos, principalmente para a economia soteropolitana e do Recôncavo, francamente dependentes da mão-de-obra trazida da África, além de outros motivos de caráter mediato. A situação que se apresentava à época fez crescer o interesse do Estado imperial brasileiro em promover o incremento da imigração estrangeira, em especial daquela vinda da Europa.

À vista desses fenômenos, é legítimo delineá-los como pano de fundo da análise que se segue. E, objetivando um

direcionamento mais assertivo, são estabelecidos os fundamentos para uma percepção detalhada - embora ampla - do contexto socioespacial que veio culminar em um processo migratório internacional e transoceânico, com fortes rebatimentos na estruturação urbana da cidade do Salvador, a área receptora.

A economia de base rural, importante tanto na Galícia quanto em Salvador – cidade beneficiária da riqueza agrícola produzida no Recôncavo Baiano –, foi responsável por trajetórias distintas em ambos os espaços. Conforme anteriormente dito, a capital da província da Bahia teve parte considerável da sua opulência vinculada à produção açucareira de seu *hinterland*; na Galícia, ao invés, a estrutura agrária de características semifeudais tornou a maior parte da população dessa região pobre, faminta e emigrante.

Vivendo com reduzidas possibilidades de ascensão econômica, a alternativa histórica dos galegos foi a emigração – primeiro de caráter intra-peninsular. Estando nas principais cidades portuguesas, estabeleceram contatos com lusitanos retornados do Brasil, o que motivou a “descoberta” das terras tropicais como destino.

No que diz respeito ao processo migratório e às articulações espaciais do grupo em Salvador, o período ficou lembrado pela chegada e adaptação dos primeiros imigrantes galegos na cidade e pela concentração espacial das moradias e locais de trabalho. Com características de territorialidade, suas ações se desenvolveram no Centro Histórico e entorno, configurando-se em tentativa de dominar, através de estratégias próprias de ocupação, os espaços centrais da cidade vinculados ao predomínio do comércio. Foram estas as primeiras incursões desses agentes na produção do espaço soteropolitano.

Uma vez fixados na capital baiana, os galegos imigrados instalaram-se preferencialmente no centro original da cidade, como pode ser constatado através dos dados coletados a partir dos atestados de óbito por freguesia, entre os anos de 1887 e 1900 (Fig. 1), que revelam uma forte concentração de imigrantes galegos nas áreas centrais da cidade, principalmente nas freguesias da Sé (31 óbitos), Passo (19), Santo Antonio (18) e Pilar (16), dados estes levantados no Arquivo Público do Estado da Bahia e junto à Fundação Gregório de Mattos. Os demais óbitos foram registrados nas seguintes freguesias: São Pedro (11), Santana (08), Conceição da Praia (05) e Pirajá (01).

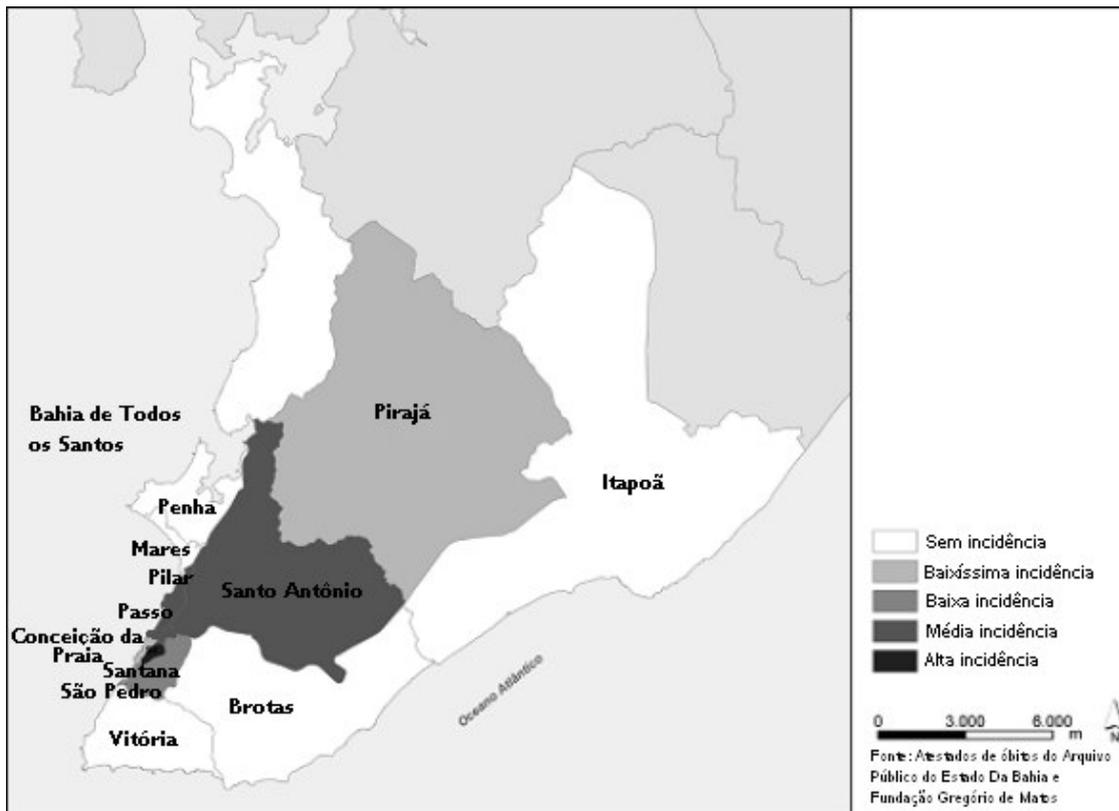


Figura 1 Salvador. Moradia dos imigrantes galegos por freguesia, (1887-1900).

Os números acima relatados indicam certo padrão de distribuição espacial da comunidade de imigrantes galegos em Salvador, no período em exame, denotando forte tendência de concentração nas áreas centrais da cidade. Todavia, há indícios de negligência em relação às periferias: ao sul, de habitações da população mais abastada, onde os valores das terras urbanas se faziam impeditivos aos galegos, ou ao norte, área concentradora de população operária, muito distante para esse grupo recém chegado; ou mesmo no leste, onde se definia um novo vetor do crescimento urbano em Salvador.

Dois fatores foram relevantes para que nos espaços do atual Centro Histórico de Salvador tenha se delineado uma espacialidade galega. O primeiro deles refere-se à mudança funcional da área, tornada parte do terciário inferior ou mesmo informal da cidade, com seus pequenos armazéns, bares, casas de venda de ferragens, entre outros, e a substituição da população abastada pelas camadas mais pobres da sociedade, o que definiu valores mais baixos para moradia, notadamente em pensões e repúblicas.

Os espaços do centro original de Salvador surgiam para os galegos como localizações que, apesar do pleno processo de degradação socioespacial, mantinham-se articuladas como áreas do pequeno comércio, onde podiam vislumbrar alguma posição no mercado de trabalho. A mudança funcional do Centro Histórico de Salvador possibilitou o surgimento de demanda por trabalhadores de baixa especialização, prioritariamente atendentes, balconistas e carregadores.

Em relação ao segundo fator citado, se os valores das terras urbanas na periferia sul da cidade eram elevados por conta da atração exercida pelo estilo de morar dos ingleses estabelecidos na capital baiana, e logo copiado pelas elites locais, esse mesmo processo de mobilidade gerado pela segregação espacial foi responsável pela sensível queda no padrão socioeconômico da população do centro original. As desocupações certamente resultaram em redução nos valores das habitações dessa parte da cidade, impondo ao local uma diversa configuração sócio-espacial e uma nova estruturação das funções urbanas que seguiam na contramão da modernidade vigente no período.

Grupos em conflito, preconceitos mutuamente exacerbados, relações de poder e dominância, espaço de ocupação claramente delimitado: eis algumas das maiores motivações para que se estabelecesse no Centro Histórico de Salvador uma efetiva territorialidade da comunidade galega, em contraposição a uma outra que parte dos grupos pauperizados, na tentativa de manter-

se diante do intruso recém-chegado. Essa territorialidade é caracterizada pelo controle do comércio no centro original, estabelecendo uma organização territorial por meio do trabalho, conforme assinala HOLLINGSHEAD (1970). Como subproduto dessa estratégia, fica estabelecida uma relação de poder, com dependência da população nativa no que concerne ao abastecimento.

Para SOUZA (1995) – na busca por uma aproximação com as idéias de Robert Sack – a(s) territorialidade(s) cria(m) “campos de força” que representam as relações entre grupos sociais e o espaço apropriado. Tais relações são observáveis internamente, quando da definição da identidade de grupo, ou externamente, em função das trocas, das diferenciações e dominação ante a existência de outros grupos.

Para DI MÉO apud KOGA (2003), a noção de territorialidade está ligada à construção material e simbólica do grau de poder e influência de um grupo, bem como na sua interação com o seu próprio entorno. Ainda segundo o autor, a territorialidade é uma construção de significados permeada pelas experiências de vida.

Essa dimensão subjetiva da territorialidade exercida pela comunidade galega de Salvador durante os anos finais do século XIX se revelava não só pela sua presença concreta ou pelas construções onde instalavam os pontos comerciais com denominações que remetiam à sua condição de estrangeiro. A conquista também se revelava em função da dominação exercida por esse grupo no papel de abastecedor das populações com as quais convivia, controlando e influenciando, de algum modo, o comportamento destas, o que se definiu em situação de vantagem competitiva, apesar de estarem numericamente inferiorizados.

O transcorrer do final do período identificado como o pioneirismo galego é marcado, assim, pelo exercício de uma territorialidade no centro original de Salvador, por meio da dominação comercial desse espaço, o que não quer dizer que tenha havido um território galego nessa área, mas uma tentativa de construí-lo.

### **A consolidação da imigração galega e as espacialidades difusas (1900-1945)**

O século XIX chegava ao seu final marcado pela continuidade do exercício de poder imperialista dos países-líderes sobre os destinos políticos, econômicos e ideológicos das nações periféricas (HOBBSBAWM, 1989), além de confirmar a internacionalização da indústria, principalmente na Europa, nos Estados Unidos e Japão.

Os anos decorridos entre 1914 e 1918 e entre 1939 e 1945 foram assinalados pela Primeira e Segunda Guerra Mundial, cujo saldo foi decisivo para a afirmação norte-americana no cenário político e econômico internacional, com o enfraquecimento do Império Britânico, da Alemanha e França, três dos países-líderes diretamente envolvidos nos conflitos. Além disso, as duas guerras definiram-se fundamentais à produção de mudanças nos padrões do fluxo migratório europeu em direção à América, já extremamente oscilante, com repercussões nos índices da população brasileira. Entre os anos de 1914 e 1945, lhe foi acrescido um contingente aproximado de 1,8 milhões de pessoas (HUGON, 1977), com expressiva quantidade de imigrantes europeus procedentes dos dois lados do conflito.

A Guerra Civil Espanhola, transformada em palco de ensaio do que viria a ocorrer nos anos subseqüentes, ocorreu entre os anos de 1936 e 1939, com o embate de forças nacionalistas e republicanas, tendo o seu desfecho com a vitória do primeiro grupo e a ascensão do general galego Francisco Franco à condição de ditador da Espanha. A condução do processo de lutas e chegada ao poder, bem como a nova condição política ditatorial fizeram por isolar o país e provocaram a saída de milhares de pessoas, expulsas ou fugidas, descontentes com os rumos políticos da nação ibérica. Destes, um número expressivo desembarcou no Brasil.

Excessos cometidos por ambos os lados do conflito foram responsáveis pela morte de milhares de pessoas, e mesmo por pesados bombardeios e ataque a centros urbanos e aldeias da Espanha, com fortes repercussões sobre a economia do país. O setor secundário, por exemplo, apesar da magnitude dos conflitos referenciados, ampliou-se de modo inusitado, com a expansão do mercado consumidor a uma escala praticamente mundial, consolidando, via produção industrial, a relação centro-periferia. Esta situação mantinha tanto o Brasil quanto a Espanha em condições de periferias do macro-sistema econômico internacional, embora o nível de inserção e o papel desempenhado por ambos os países na Divisão Internacional do Trabalho conferissem à nação ibérica uma situação mais favorável.

A economia galega, apesar das instabilidades ainda verificadas no campo durante os trinta primeiros anos do século XX, experimentava um período de diversificação do setor produtivo, com transferência de parcela significativa da população economicamente ativa para os setores secundário e terciário. Para BRAGA (1995), um dos fatores mais significativos para o incremento nos números da economia galega, notadamente entre

as décadas de 1920 e 1930, foi o envio de aportes financeiros dos emigrados para a realização de obras nas suas localidades de origem, acrescido de investimentos na agricultura, indústria e comércio, ampliando e diversificando a cadeia produtiva regional.

Por sua parte, a cidade do Salvador, que tivera tempos de prosperidade, não conseguia efetivar as transformações pelas quais centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro já haviam experimentado viver, conseguido com o maior fluxo da industrialização. Os resultados corresponderam a um período de estagnação econômica, em muito resultante da perda de importância estratégica da produção canavieira do Recôncavo Baiano. Muito embora as primeiras décadas do século XX não tenham sido benéficas à economia, o mesmo não ocorreu na área urbana de Salvador, que contou com significativas transformações na configuração, graças às intervenções forçadas nas gestões dos governadores J. J. Seabra (1912-1916 e 1920-1924) e Antônio Moniz (1916-1920), assim como a partir das idéias do engenheiro Mário Leal Ferreira, contratado pela prefeitura em 1942, e da criação do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, o EPUCS, em 1943.

Esse mesmo período registrou a consolidação da presença galega em Salvador, trazendo esses imigrantes sempre mais ambientados às especificidades de uma sociedade recém saída do escravismo, e aumentada de maneira significativa a sua participação na produção do espaço da cidade, notadamente por meio de eficazes estratégias de dominação do setor terciário, além da criação de entidades de cunho social.

O projeto eleito para aquele momento, apesar do relativo isolamento do grupo em relação aos baianos, era de integrar-se à sociedade soteropolitana, estabelecendo vínculos para além daqueles de foro meramente comerciais. O distanciamento em relação aos baianos era respaldado por incentivos aos casamentos endogâmicos e repressão às relações matrimoniais externas à comunidade, ou pela criação de clubes de caráter exclusivista fomentada por recíproca antipatia, notadamente após a inclinação de Getúlio Vargas aos interesses dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

A estratégia era fazer parte do cotidiano soteropolitano, ser aceito, mas sem "misturas" que pudessem comprometer a manutenção do grupo. Dessa maneira, a comunidade galega de Salvador passou a ter participação em eventos sociais diversos e na promoção e patrocínio de construções que produziram transformações em Salvador, tornando-se efetiva na produção do espaço urbano.

Se verdadeiro que o sucesso financeiro para boa parte dos imigrantes já se fazia notar naquele momento, também era verdade que, em busca de prestígio e reconhecimento, os membros mais bem colocados desse grupo se permitiram diminuir as distâncias social e geográfica que os tornavam diferentes dos homens bem-sucedidos da tradicional sociedade baiana. Contrariando a tendência verificada no período anterior, considerava-se que morar no atual Centro Histórico de Salvador não mais satisfazia os interesses dos galegos, o que promoveu a mobilidade em direção às áreas periféricas da cidade, sendo o sul o *locus* de moradia para aqueles que prosperaram financeiramente. Diferentemente desse encaminhamento, o norte e leste da cidade foram os locais de destino dos galegos que não obtiveram o mesmo sucesso ou buscavam, por meio do terciário, novos mercados onde a necessidade por abastecimento era premente.

Os dados levantados no Arquivo Público do Estado da Bahia e junto à Fundação Gregório de Matos, segundo os atestados de óbito por freguesia/sub-distrito, apresentam números que confirmam haver, notadamente da década de 1930 em diante, uma dispersão das moradias de membros da comunidade galega de Salvador. Os distritos da Sé, 436 óbitos, Passo, 397, Santo Antonio, 326 e Pilar, 201, ainda apresentavam concentração de imigrantes galegos nos trinta primeiros anos do século XX; nos demais distritos, os números levantados estavam assim distribuídos: São Pedro, 136, Vitória, 98, Santana, 75, Nazaré, 71, Conceição da Praia, 64, Brotas, 49, Mares, 32, Penha, 31, São Caetano, 31 e Pirajá, 27.

Decorridos os primeiros anos do século passado, é possível observar um equilíbrio de imigrantes, especialmente em relação aos distritos de São Pedro, 131, Vitória, 124, Santana, 106, Nazaré, 99 e Brotas, 83, que passaram a apresentar números de imigrantes galegos menos díspares em relação aos distritos da Sé, 208, Passo, 177, Santo Antonio, 171 e Pilar, 156 e em menor quantidade, nos distritos de Penha, 78, Mares, 74, São Caetano, 36 e Pirajá, 28. A exceção fica por conta do sub-distrito da Conceição da Praia, 44, que apresenta números que denotam uma sensível redução da população galega.

O fato da territorialidade, delineada no centro original pela comunidade galega no século anterior, não ter passado de uma tendência não confirmada deve-se muito mais aos fatores de cunho interno ao grupo do que às motivações clássicas de escassez de recursos ou da perda do controle sobre o espaço em disputa. A justificativa está em que, apesar de terem transferido suas moradias dessas áreas centrais de forma lenta, mas

continua, as atividades, grosso modo, foram mantidas nos espaços tradicionais de ocupação galega.

Embora não seja este um caso de consolidação de território, já que a comunidade galega jamais completou o processo de apropriação dos espaços do Centro Histórico de Salvador, é possível analisar, elegendo-se como ponto relevante as reflexões de HAESBAERT (1995) sobre desterritorialização, que tal situação corresponde àquilo que J. Levy considerou ser um embate do homem contra a distância, desde que esta distância seja considerada na sua perspectiva social.

### **A inclusão social plena, as espacialidades individuais e as marcas recentes da presença galega em Salvador (1945-2000)**

Em meados do século XX, viviam-se as incertezas e as esperanças do pós-guerra e as relações entre países ganhariam outros contornos com a vitória das forças aliadas.

No âmbito internacional, o período define dois momentos significativos para a economia europeia, com resultados distintos. No contexto espanhol, a neutralidade na Segunda Guerra Mundial colocou o país em marginalidade frente ao Plano Marshall; em contrapartida, o seu ingresso na União Europeia, em 1986, veio por trazer um incremento substancial à economia. A nova realidade, além de confirmar as previsões de estancamento do fluxo emigratório, transformou a Espanha em país receptor de populações em movimento, inclusive de contingentes do Brasil.

A reconstrução da Europa se seguiu à divisão ideológica dos países que a constituem, configurando-se o início da bipartição da Europa – seguida de todo o mundo – entre as nações sob a órbita política e econômica dos Estados Unidos da América ou, em absoluta contraposição a esse primeiro grupo, sob a égide da União Soviética.

Definida a posição em favor das forças aliadas e por conta do rompimento à política da “equidistância pragmática” de Getúlio Vargas, o Brasil, enquanto país integrante da zona de influência norte-americana, ao final da guerra teve sua situação sobremodo reforçada. A despeito da crescente industrialização, diversificação da produção e aumento da participação nacional no mercado globalizado, o país também conviveu com uma outra situação, cuja tônica repousou na instabilidade política e econômica.

No plano da urbanização brasileira, processou-se a mesma forma quase concomitante a um outro processo: o de metropolização das principais cidades, cujo maior impulso se fez desde a década de 1970. Segundo SANTOS (1996), as chamadas “cidades milionárias”, que em 1960 tinham em São

Paulo e no Rio de Janeiro suas únicas representantes, passaram ao número de doze, em 1991. Uma das conseqüências mais visíveis da metropolização dos principais centros urbanos brasileiros foi o processo de favelização, principalmente em áreas periféricas, tornando problemática a governabilidade municipal no que tange às tentativas de sanar as deficiências causadas pela intensa fragmentação e complexidade dos espaços intra-urbanos.

Enquanto no Brasil os anos de 1980 foram considerados a “década perdida”, na Espanha o mesmo decênio refletiu os novos rumos delineados pela redemocratização, conduzidos pela modernização econômica do país, que fez por promover a inversão nos números que indicavam desigualdade regional. O ingresso da Espanha na Comunidade Econômica Européia (1986) e a introdução da política do Bem-Estar Social no país geraram significativas melhorias das condições gerais de vida.

Esse crescimento econômico experimentado pelos países europeus, aliás, viria a produzir, no caso espanhol, e de modo mais significativo na Galícia, uma inversão dos fluxos migratórios, com um quase desaparecimento das saídas transoceânicas, ainda que se fizesse valer o incremento de caráter intra-continental (BERTRAND, 1992).

Entre as décadas de 1960 e 1970, em função do vigor industrial da sua região metropolitana, a cidade do Salvador contou com crescimento populacional e modernização, com mais amplo processo de verticalização das áreas que concentravam atividades do terciário, implantação de equipamentos urbanos estruturantes e sistema viário das avenidas de vale. O progresso, ao estruturar importantes vias arteriais de ligação dos espaços dinâmicos intra-urbanos, produziu uma nova centralidade do terciário na área da Pituba, notadamente a partir da implantação do *Shopping Center* Iguatemi, da Estação Rodoviária e do primeiro supermercado local, exigindo dos comerciantes do tradicional centro – inclusive aqueles de origem galega – dinamização nas atividades às quais se dedicavam.

Nesse período, a presença galega em Salvador tornou-se menos importante do ponto de vista da ocupação do espaço do que por conta da sua atuação como agente econômico, ainda que as estratégias de produção do espaço possam ser vistas nas marcas impressas na paisagem urbana, como referências da existência desse grupo.

Duas foram as estratégias aplicadas pelos membros da comunidade galega de Salvador que possuíam estabelecimentos comerciais nos espaços tradicionais da cidade. Uma delas registra a diversificação das atividades, seja através da abertura de novos empreendimentos, como, por exemplo, no setor de

hotelaria e construção civil; a segunda firmou-se através da migração dos estabelecimentos para os novos espaços de concentração comercial, o que revela a dinâmica dos empreendedores de origem galega, em consonância com as observações de SANTOS (2002b), segundo o qual, visando atingir lucros máximos, os agentes do capitalismo, na fase mais atual, acabam preferindo certas localizações, desprezando outras.

Assim, ao analisar a trajetória de 10 entidades de origem galega com quantidade igual ou superior a 20 empregados, e mais de 20 anos atuando no mercado, foi possível observar que a totalidade destes estabelecimentos está localizada naqueles sub-distritos onde a média mensal de renda é igual ou superior a R\$ 1.200,00; ou ainda nas áreas do novo centro do terciário superior soteropolitano. Essa dispersão está vinculada à acessibilidade crescente, introduzida pelas linhas de trânsito rápido, possibilitando, segundo MCKENZIE (1970), um processo de expansão para os “territórios adjacentes”.

Levando-se em consideração que, como afirma HARVEY (1980), “o solo e suas benfeitorias são, na economia capitalista contemporânea, mercadorias”, importa refletir que a mobilidade dos empreendimentos do terciário para o novo centro do bairro da Pituba - centralidade conquistada como conseqüência das intervenções no sistema viário e implantação de um novo conceito de compras - produziu meios para a valorização da terra urbana nessa área, assim como das construções de caráter residencial que se sucederam e, bem assim, da própria população que viria habitar tal espaço.

Ao analisar a centralidade urbana, CASTELLS (1983) afirma ser o centro o *locus* de reprodução das atividades comerciais e da gestão financeira, com efetiva troca de bens e serviços, além da “coordenação e direção de atividades descentralizadas”.

A despeito dos altos custos do solo urbano, a localização dos estabelecimentos nesses espaços valorizados é compensada tanto pela proximidade de atividades complementares entre si, quanto por uma eqüidistância em relação ao conjunto da cidade, considerada pelo autor, na sua base social.

Por fim, o autor espanhol considera o centro como um intermediário entre os processos produtivos e de consumo da cidade, sendo, por isso, atrativo, ao passo que, segundo afirma SANTOS (2002b), “o (...) capital não dispõe daquela mobilidade que lhe é frequentemente atribuída. (...) apenas certos lugares podem oferecer as condições de rentabilidade exigidas”.

Nesse sentido, estar localizado em áreas centrais de uma cidade é, para um estabelecimento comercial ou de prestação de

serviços, uma vantagem competitiva considerável, que se amplia em função da renda média mensal das populações fixadas no seu entorno, mesmo que os meios e vias de transportes favoreçam a difusão urbana.

É possível afirmar, pois, que a fixação de instituições de origem galega em áreas privilegiadas, do ponto de vista da localização e da renda, da cidade do Salvador, obedece a uma lógica de racionalidade do espaço (SANTOS, 2002a), no sentido de estabelecer uma organização pragmática das formas pelas quais se poderia dinamizar os mecanismos de troca.

Se a comunidade galega de Salvador demonstrou dinamismo no setor terciário ao longo de sua presença na cidade, também houve casos significativos de galegos comerciantes que mantiveram a localização dos seus empreendimentos em espaços tradicionais da cidade, não alterando, inclusive, as marcas pretéritas que os caracterizaram, a exemplo de fachada e nome de loja. Não é de se estranhar que, no decorrer do tempo, firmaram-se tais particularidades como referências espaciais nos bairros em que estão estabelecidos.

Dito isso, é inevitável afirmar, pois, o Restaurante *Cólon* – inaugurado em 1912, em um sobrado colonial no bairro do Comércio – ou a loja de penhores *A Primavera*, com sede na requalificada Praça da Sé – em funcionamento desde finais do século XIX – como sendo rugosidades (SANTOS, 2002b) ou, nas palavras do autor, “o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”, que se apresenta de forma isolada ou em arranjos, verdadeiras heranças que denotam os restos de divisões de trabalho passadas.

Enquanto formas, essas rugosidades são ainda, para o autor referido, a cristalização de um modo de produção antigo, que se confronta com uma realidade nova, marcada pelas mudanças impostas pela divisão do trabalho em voga. Nas palavras de CASTELLS apud SANTOS (2002b), fazem-se como persistências das formas, suscitadas pelas estruturas progressas.

## Conclusões

As referências à Galícia estão presentes na história da América desde a chegada do navegador genovês Cristóvão Colombo, a serviço da Coroa Espanhola, seja na forma como era chamada a nau Santa Maria, apelidada de *A Galega* (BRAGA, 1995), ou mesmo através da imigração. No caso específico da cidade do Salvador, teve esta referência início apenas na segunda metade do século XIX, ainda que PÉREZ LEIRA (2002) dê conta que Diogo Alvarez, o Caramuru, tenha nascido na região que outrora fora denominada *finisterrae*, o que levanta a suspeita

de que tenha sido ele o primeiro galego em terras baianas.

Independente de quem tenha sido o primeiro a aportar no Brasil, não se pode deixar de reconhecer que o imigrante galego teve importante papel na produção do espaço soteropolitano, seja através das estratégias de ocupação adotadas pela comunidade ao longo dos quase 150 anos de convivência com a sociedade baiana, seja pela dinâmica que imprimiu à economia local, notadamente no terciário.

A cidade do Salvador, metrópole fragmentada do mundo subdesenvolvido com cerca de 2,4 milhões de habitantes, possui um patrimônio histórico dos mais relevantes da América e o galego, como agente dessa configuração urbana, significativamente contribuiu para que a capital baiana conquistasse o aspecto de singularidade que a caracteriza.

Nesse sentido, este trabalho surgiu como uma tentativa de espacializar a presença galega em Salvador, segundo temporalidades próprias, o que levou à adoção de uma periodização que, independente da escala de magnitude, valorizou os eventos que permitiram, em um primeiro momento, estabelecer o fluxo migratório entre a Galícia e a capital baiana e, em uma etapa seguinte, a manutenção dos membros da comunidade já estabelecidos nos seus espaços intra-urbanos. Assim, a utilização da metodologia de periodização proposta por VASCONCELOS (1999) foi decisiva como meio para compreender a medida da atuação de cada um dos agentes, no contexto próprio de cada período e os resultados produzidos, impressos no espaço.

É possível ter em conta que a comunidade galega, ao ocupar os espaços centrais da cidade do Salvador durante a segunda metade do século XIX, promoveu uma espacialidade com características territoriais, ao passo que a crescente integração dessa comunidade, feita agente na produção do espaço soteropolitano ao longo do século XX, promoveu um efeito diametralmente oposto, de mobilidade do grupo e conseqüente desterritorialização. As dinâmicas socioespaciais recentemente adotadas pelos membros da comunidade galega são eficazes em demonstrar que habitar o centro tradicional da capital baiana tornou-se, no decorrer dos anos, uma estratégia irrelevante na garantia da manutenção do grupo.

A saga galega nas terras da capital baiana é uma história de luta pelo trabalho, sofrimentos e conquista de sucesso para muitos dos que atravessaram o Oceano Atlântico na tentativa de fazer a América, de alcançar, em terras distantes e estranhas, o que nos campos da sua origem não lhes era possível: uma vida com dignidade.

Brandão, P.R.B. (2006). Spatialities and temporalities of the galician presence in the city of Salvador. *Revista do Departamento de Geografia*, n. 19, p. 9-19.

**Abstract:** This paper analyses the ways of spatial articulation of the Galician community of Salvador between 1853, when Spain authorized the immigration of its citizens, and 2000, when it was inaugurated a monument that represents the Galician presence in the city, located on the shore and denominated the Galician cross. This paper also intends to contribute to the Historical Geography. It was necessary to divide the study into periods, which can better express the rhythm and strategies of the intra-urban spaces of Salvador. It also aims to consider the means by which the members of the Galician community of Salvador produced their own spatialities and temporalities in consonance with universal rhythms of human existence, most of the time understood only when considered the particular reality of these immigrants.

**Key words:** Spatialities; Temporalities; City of Salvador; Galician Community.

Recebido em 04 de junho de 2005, aceito em 7 de julho de 2006.

## Referências

- BERTRAND, J. R. (1992) *A poboación de Galicia*. Estudos Xeográficos. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela. 203p.
- BRAGA, C. M. L. (1995) *Memórias de imigrantes galegos*. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia. 256p.
- CASTELLS, M. (1983) *A questão urbana*. Coleção Pensamento Crítico. São Paulo, Editora Paz e Terra. 506p.
- CORRÊA, R. L. (1997) *Trajelórias Geográficas*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil. 304p.
- HAESBAERT, R. (1995) Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In COSTA, I., GOMES, P. & CORREIA, R. (ed.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil. p. 165-205.
- HARVEY, D. (1980) *A justiça social e a cidade*. São Paulo, Editora Hucitec. 292p.
- HOBSBAWM, E. (1989) *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 546p.
- HOLLINGSHEAD, A. B. (1970) Migração e mobilidade. In: PIERSON, D. (ed.) *Estudos de Ecologia Humana*. Biblioteca de Ciências Sociais, vol. VI. São Paulo, Editora Martins. p. 219-236.
- HUGON, P. (1977) *Demografia brasileira*. Ensaio de demoeconomia brasileira. São Paulo, Editora Atlas. 213p.
- KOGA, D. (2003) *Medidas de cidades*. Entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo, Cortez Editora. 299p.
- MCKENZIE, R. D. (1970) Matéria-objeto da Ecologia Humana. In: PIERSON, D. (ed.) *Estudos de Ecologia Humana*. Biblioteca de Ciências Sociais, vol. VI. São Paulo, Editora Martins. p. 38-52.
- PARK, R. E. (1970) A cidade e a civilização. In: PIERSON, D. (ed.) *Estudos de Organização Social*. Biblioteca de Ciências Sociais, vol. IX. São Paulo, Editora Martins. p. 587-602.
- PÉREZ LEIRA, L. (2002) *Galegos na Bahia de Todos os Santos*. Vigo: Edicións Galicia en el Mundo. 219 p.
- PHILO, C. (1996) História, geografia e o "mistério ainda maior" da geografia histórica. In: GREGORY, D., MARTIN, R. & SMITH, G. (org.) *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. p. 269-298.
- RIBEIRO, W. C. (1988) Relação espaço/tempo: considerações sobre a materialidade e dinâmica da história humana. In: AGB. Geografia e lutas sociais. *Terra Livre* nº. 04. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros. p. 43-72.
- SANTOS, M. (1994) *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, Editora Hucitec. 128p.
- SANTOS, M. (1996) *A urbanização brasileira*. São Paulo, Editora Hucitec. 176p.
- SANTOS, M. (1997) *Técnica, Espaço, Tempo*. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo, Editora Hucitec. 194p.
- SANTOS, M. (2002a) *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 392p.
- SANTOS, M. (2002b) *Por uma Geografia Nova*. Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 290p.

- SAQUET, M. A. (2003) *Os tempos e os territórios da colonização italiana*. Porto Alegre, Edições EST. 198p.
- SOUZA, M. J. L. (1995) O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: COSTA, I., GOMES, P. & CORREIA, R. (ed.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil. p. 77-116.
- VASCONCELOS, P. A. (1999) Questões metodológicas na Geografia Urbana Histórica. In: VASCONCELOS, P. & SILVA, S. (org.) *Novos estudos de Geografia Urbana brasileira*. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia. p. 191-201.
- VASCONCELOS, P. A. (2002) *Salvador: Transformações e permanências (1549-1999)*. Ilhéus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz. 455p.